

Cinema de Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da
Silveira

Clube de Cinema da Bahia



1.º - Outubro - 1966

"Pecado Original"

("Les Parents Terribles")

FICHA TÉCNICA

Realização — Jean Cocteau

Argumento e roteiro — Jean Cocteau, segundo sua peça do mesmo nome.

Cenografia — Christian Bérard e Guy de Gastyne

Fotografia — Michel Kelber

Música — Georges Auric

Interpretação — Jean Marais, Josette Day, Yvonne de Bray, Gabrielle Dorziat, Marcel André

Produção — Sirius, 1949.

Uma das mais fascinantes personalidades da cultura francesa neste século, Jean Cocteau viveu o suficiente para ter sido um enorme irreverente e morrer como membro da Academia o que não quis dizer no seu caso acomodação, porém glorificação.

Poeta, romancista, pintor, dramaturgo, ator, também dedicou uma parte dos seus setenta e quatro anos (1889-1963) ao cinema. Entre 1930, que foi o ano de "Le sang d'un poète", e 1960, em que concluiu "Le testament d'Orphée", escreveu diálogos, adaptou histórias de outros e para outros, fez o roteiro e filmou seus próprios textos. Não se pode dizer que todos foram êxitos: mas, pode-se afirmar que nenhum deixou de ter a marca de sua mitologia pessoal. Uns preferirão "A bela e a fera" (de 1946), outros "Orfeu" (de 1950), havendo ainda aqueles que amam profundamente o seu primeiro filme, de uma estranheza magicamente surrealista.

Num consenso geral, porém, "Pecado Original" ficou como a obra-prima, a definitiva prova do domínio do poeta sobre os meios expressivos do cinema.

Paradoxalmente, este é um filme teatral, que não esconde sua origem e caráter teatral. E no entanto, profundamente cinematográfico. Talvez a maior experiência já acontecida nesse terreno ambíguo, perigoso, desafiador.

Aqui está adaptada pelo autor uma peça que foi representada mais de quinhentas vezes pelos mesmos atores. No palco, havia um único cenário. No filme, há dois, no apartamento em que moram todos os personagens. A célebre unidade aristotélica pareceria formada: tempo, lugar, ação. Mas, escapando ao rigor teatral, Cocteau não só joga com a própria cenografia como personagem do drama, utiliza primeiros e grandes planos dos atores com extraordinário efeito. Do extremo teatro se atinge ao extremo cinema. O encantatório poético vem do direto realismo.

Como Cocteau disse em seus "Entretiens autour du cinématographe", ele desejou três coisas em "Les Parents terribles" (o filme): 1) fixar o jogo interpretativo de atores incomparáveis; 2) transitar entre eles e olhá-los em plena face em vez de vê-los à distância, sobre um palco; 3) pôr o olho no buraco da fechadura e surpreender suas feras com a teleobjetiva.

Fingindo fotografar uma peça, como tantos já o tinham feito, Cocteau, segundo assinala Pierre Leprohon ("Presences Contemporaines"), realizou o que ninguém havia conseguido: transpondo a peça para o filme, usou de uma forma impossível no teatro, porém típica do cinema, essa linguagem dos planos próximos. Quer dizer: fez um filme ao microscópio.

Permanece o primado do diálogo. Mas, o texto é ultrapassado pelo olhar dos intérpretes, pelos lábios que falam, pela mímica, pelos sorrisos, pelas lágrimas. Não se trata apenas de uma visão melhor: sim, de uma ampliação.

Sem trair o original, mantendo-se fiel ao espírito de sua peça, Cocteau valeu-se do cinema, conforme lembrou André Bazin ("Qu'est-ce que le cinéma — II — Le cinéma et les autres arts"), como um agente revelador de detalhes que o palco deixava passar.

Para dizer tudo, numa síntese também de André Bazin: a câmara, em "Les parents terribles", é enfim o espectador e nada mais do que o espectador. O drama torna-se plenamente um espetáculo.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

"VERÃO VIOLENTO", de Valério Zurlini

"O FASCISTA", de Luciano Salce

"OTELLO", de Serguei Youtkevitch

"DOM QUIXOTE", de Grigori Kozintsev

"TUDO ACONTECEU NUM SABADO", de Karel Reizs

"O 41.º", de Grigori Tchoukhrai

"OS SETE SAMURAI", de Akira Kurosawa